ANNO 1.º | Sabbado, 19 de dezembro de 1908 | Numero 44

O DEMOCRATA

REDACTORES
Albano Coutinho,
Dr. Fernandes Costa, Dr. Samuel Maia
e Dr. André dos Reis

ORGÃO SEMANAL DO PARTIDO REPUBLICANO NO DISTRICTO DE AVEIRO

Propriedade da Empreza d'O DEMOCRATA

DIRECTOR E ADMINISTRADOR
ARNALDO RIBEIRO

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
Rua Direita n.º 108

ASSIGNATURAS

Anno (Portugal e colonias)	1$200 réis
Semestre	600 »
Trimestre	300 »
Avulso	30 »

Composto e impresso na Typ. Minerva Central de José Bernardes da Cruz
RUA TENENTE REZENDE—AVEIRO

ANNUNCIOS

Por linha	30 réis
Repetições	20 »

ANNUNCIOS PERMANENTES, contracto especial.

Serviço de administração

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de Aveiro e de fóra de que vamos proceder á cobrança do segundo semestre d'este jornal, rogando-lhes por isso a alta fineza de saptisfazerem a importancia do recibo logo que lhes seja apresentado.

A'quelles que por qualquer circumstancia deixaram de pagar o 1.º semestre, remettemos agora o recibo d'um anno, esperando de todos o seu bom acolhimento afim de nos evitarem novas despezas.

Os nossos assignantes do Brazil, Africa e estrangeiro prestar-nos-hão um grande favor enviando-nos a importancia da assignatura em valle do correio ou outra qualquer via que prefiram.

PELA REPUBLICA!

Quando a Hespanha, em 1868, abria uma pagina brilhante na historia revolucionaria dos modernos tempos, e expulsava do seu solo a raça odiada dos Bourbons, o eco sympathico das suas reivindicações repercutia-se por todo o nosso pequeno paiz, e mais de um escriptor nacional, entre os que então esposaram a causa do visinho reino, traçou em linguagem arrojada e fremente, o caminho que a revolução tinha a seguir para deixar na sua passagem um rastro luminoso de liberdade e patriotismo, que enchesse de vida nos dois povos da peninsula. A revolução teria de ser republicana, e a republica tomaria a fórma federal para garantir a independencia e a autonomia dos dois povos irmãos.

A infame traição de Sagunto atrasou o movimento revolucionario na peninsula, e fez com que a Hespanha tenha atravessado um periodo calamitoso para o triumpho das ideias republicanas, restabelecendo uma dynastia condemnada, servida, quasi sempre, por governos que teem calcado aos pés os sagrados principios do direito e da justiça, que a grande revolução proclamára.

Abriu-se, tem-se conservado aberta uma phase angustiosa para os valentes caudilhos hespanhoes; mas os soldados fieis do partido democratico, os homens eminentes que acompanharam a politica d'esses mortos illustres que se chamaram Zorrilla, Pi, Salmeron e tantos outros que fizeram a republica e que a morte já ceifou, os homens eminentes que hostilisam com ardor a restauração bourbonica desde a Galliza até á Catalunha, onde acaba de sahir victorioso o partido anti-solidarista, não cessam de trabalhar e esperam ainda vêr surgir nas paredes do ministerio da fazenda aquellas fatidicas palavras, escriptas outr'ora a tinta de sangue, que assignalaram a quéda d'um throno e a proscripção d'uma familia previligiada.

Ora, fazendo um pouco de historia, se do movimento revolucionario de Hespanha nos vieram em 1868 e em 1873 umas correntes animadoras para emocionar uma parte viril da sociedade portugueza, posta até ahi em condemnavel reverencia perante as mentiras d'um constitucionalismo decadente, hoje que, innegavelmente, o partido republicano portuguez é uma grande força, é preciso chamar nos grandes e pequenos centros, por toda a parte o povo á vida activa d'uma impulsão tenaz, sem desfallecimentos e sem desanimos.

O esphacelamento dos partidos monarchicos está a evidenciar-se cada vez mais pela soffreguidão doida com que todos querem assenhorear-se do poder. Temos vivido sempre em dictadura, varias vezes mal disfarçada, outras a peito descoberto.

A lição sangrenta de hontem nada aproveitou aos homens graduados do regimen. Subsiste a intolerancia e ha visiveis trabalhos com elementos reaccionarios para atacar os republicanos em todos os campos, cerceando-lhes as liberdades individuaes e malquestando-os com o povo, a quem dizem que a implantação da republica seria a perda da nossa independencia, quando uma nação só perde a independencia quando se deixa cahir sem protestos, sem luctas, nas mãos d'aquelles que, por más administrações, a conduzem á bancarrota e á apathia de todas as energias.

Façâmos vêr ao povo que a republica é o governo do direito por excellencia, a que tem accesso todos os que, sob as indicações da opinião publica, melhor affirmarem os seus talentos e as suas virtudes.

Os monarchicos estão a degladiar-se por meras questões de mando. A monarchia já não tem quem a sirva; tem apenas quem a explore.

Não vale a pena commentar a scisão que vae n'este ou n'aquelle partido, n'este ou n'aquelle grupo, onde se erga um homem que, para alcançar o poder, para cahir nas boas graças do rei, renegue todo o seu passado e venha a ser em dias sinistros uma segunda edição, correcta e augmentada, do dictador foragido.

Que se acautelle o partido republicano contra as aventuras reaccionarias que possam inesperadamente surgir n'esta hora difficil para a vida dos dirigentes da monarchia. Dizem que a defendem, e contam com a casta privilegiada, a legião *azul e branca* dos que nos déram a ruina financeira e as leis d'excepção, isto é, a bancarrota e o despotismo!

Pois bem: que o partido republicano se defenda tambem, provando, nas assembleias eleitoraes, nos comicios e nas conferencias dos seus centros politicos, que não tem responsabilidades algumas no mal estar geral, e que o povo, farto de ser ludibriado e conhecendo de sobejo todos os processos d'administração dos velhos e novos partidos monarchicos, deseja emancipar-se de tão longa tutella, e viver a vida dos povos livres, para que a verdadeira educação civica se apodere da geração que nasce.

ALBANO COUTINHO.

COISAS E TAL

Temos homem

Realisou-se em Lisboa, faz hoje oito dias, a annunciada reunião da abominavel seita franquista que teve por fim elevar á cathegoria de chefe supremo, em substituição do foragido dictador, o ex-ministro da guerra Vasconcellos Porto.

Compareceram 18 dos seus mais fervorosos partidarios, os quaes, depois do ceremonial do costume, se deliciaram a applaudir o discurso do novo messias, peça oratoria de grande effeito e de que no momento actual precisamos archivar alguns periodos para que se vão conhecendo e medindo as intenções reservadas que se albergam no cerebro d'esse que já foi nosso algoz, assignando o decreto fratricida de 31 de janeiro, e que, ámanhã, talvez seja peor do que isso, se possivel fôr, e o paiz se não decidir a exterminar por uma vez a raça daninha que tem sido a causa de todo o nosso mal.

Brito Camacho disse na *Lucta* que a chefatura de Vasconcellos Porto no partido franquista *é uma affronta a quantos soffreram pela liberdade, e é a ameaça d'uma nova dictadura.*

Estamos d'accordo. Tanto mais que as suas palavras não deixaram transparecer outra coisa.

Ouçamol-o, pois:

As difficuldades d'este meu encargo maiores se me tornam ainda, por suceder n'elle ao conselheiro João Franco Castello Branco, o eminente homem publico cujo nome o mundo inteiro venera e admira como exemplo de dedicação e amor pelas prosperidades do seu paiz. Esse nome, a historia portugueza inscrevel-o-ha com respeito, como um dos benemeritos da Patria. Não lhe foi dado completar a obra que ideára; mas não diminue isso os seus elevadissimos meritos, as suas peregrinas qualidades, nem a saudade com que todos nós o vimos partir! Perdemol-o para o nosso partido, depois de termos visto Portugal perder tambem um grande patriota, um chefe de Estado insigne, e devotado de toda a sua alma ás glorias e ao futuro do paiz—sua magestade el-rei D. Carlos I.

Não posso vencer as minhas emoções qunndo me ocorre que um tão illustre rei, tendo traçado aquella senda, por entender que devia encaminhar-se no trabalho da regeneração moral e material da sua patria, foi subitamente ferido e assassinado n'aquelle ignominioso dia que nos envergonhou perante o mundo, lançando-se na imaculada historia d'este paiz uma nodoa indelevel. Que estas lagrimas caiam tambem sobre a memoria innocente d'essa creança, que foi a esperança de nós todos, e que ao lado e em defeza de seu pae recebeu a mesma iniqua e barbara morte!

Viram? João Franco na bocca de Vasconcellos Porto continua a ser *o eminente homem publico, cujo nome o* **mundo inteiro** *venera e admira como exemplo de dedicação e amor pelas prosperidades do seu paiz.*

Liberaes! Precisamos defendermo-nos contra a provavel investida da seita negra, colligada com esses aventureiros de má morte!

Unamo-nos e saibamos reagir.

Subindo sempre

Durante o curto espaço d'uma semana o *Progresso*, que é como quem diz o snr. Gustavo encapotado, eleva os seus calculos do *deficit* da camara municipal cessante de 20 a 27:177$109 reis!

Por este caminhar estão aqui estão a bater-nos á porta com a exigencia de mais alguns cobres.

Porque o caso é este; elles que o gastem e nós que o paguemos.

Oh! a bella administração franquista...

De remissa

Só tarde e a más horas nos chegou ás mãos o *Districto* de quinta-feira com um artigo *excepcionalmente* grande a nosso respeito e do snr. Francisco Regalla Não nos sobra o tempo nem o espaço hoje para lhe respondermos. Mas para a semana conte que lhe faremos a vontade, como é seu desejo e tambem nosso.

Cartas Politicas

POR

JOÃO CHAGAS

Teve um extraordinario successo a primeira carta de João Chagas e que é dirigida ao rei.

O eminente publicista cujos vigorosas qualidades de pomphletario tão assignaladas ficaram na sua campanha de 90, com que preparou o espirito publico para a revolta do Porto, faz n'esta sua carta uma critica historica dos ultimos acontecimentos politicos, do reinado de D. Carlos e da viagem de D. Manuel ao norte, por tal modo serena e convincente, com uma ou outra ironia caustica e incisiva, que faz penetrar nos intellectos mais obcecados, a verdade sobre a lastimosa situação actual.

Se tivessemos espaço não resistiriamos á tentação de transcrever um trecho d'esse primoroso trabalho e valioso documento historico.

As *Cartas Politicas*, acham-se á venda n'esta cidade em casa do sr. Bernardo Torres, ao preço de 50 réis.

LEGISLAÇÃO OPERARIA

A lei de protecção aos menores.—Como se cumpre.—Desleixo e crime.—A burla do regimen e o nosso progresso social.

Na minha conferencia de ha dias aos operarios de Aveiro, eu affirmei com a firmeza e consciencia com que me honro de sempre fazer as minhas affirmações publicas, que as nossas leis de protecção operaria são reaccionarias ou retrogradas, havendo, contudo, algumas boas que como todas as nossas leis boas, padecem do mal endemico da nossa legislação util—não se cumprem.

Apontei as leis sobre accidentes de trabalho, especialisando a das minas e saibreiras em que tão repetidos são os desastres. Que ellas são retrogradas e reaccionarias hei-de proval-o breve. Fallei da lei sobre o trabalho dos menores nas construcções civis e nas fabricas e disse, com segurança, que d'essa boa lei, ninguem faz caso.

Ora quando uma creatura como eu, á custa de aturados trabalhos e arduos raciocinios e observações formula uma ideia e vê depois, a alta capacidade de individuos auctorisados no assumpto, formular identica ideia, a corroborar a affirmação feita, sente, inegavelmente, uma satisfação intima e justificada que não póde occultar.

Assim me succede ao lêr nos jornaes o extracto da conferencia do sr. dr. Augusto Monjardino, lente da Escola Medica de Lisboa, na Caixa Economica Operaria, sob o thema *O Trabalho dos Menores*, no ultimo domingo, em que chegou a conclusões identicas ás minhas, o que vem provar a verdade dos meus juizos. O illustre conferente analysou o decreto de 14 de abril de 1891 e disse que essa lei póde ser posta a par das mais completas sobre o assumpto. E' uma verdade. Embora a nossa lei abandone o menor aos 16 annos, o que não succede com a lei franceza e com a ingleza, ella é sem duvida, ápàrte outros pequenos defeitos de disposição e omissão, uma das melhores que existe, uma das mais vantajosas e perfeitas.

Tem contudo o defeito de não ser executada, defeito que não é d'ella propriamente mas do espirito d'este organismo desconjunctado que é a nossa vida publica, que com tudo se preoccupa menos com o util, menos com o sério e que tudo deixa ruir n'um desleixo criminoso e n'uma incuria madraça, menos os costumes condemnaveis e as uzanças deprimentes e vergonhosas.

Estatue o decreto citado em seu artigo 2.º e § unico, que a admissão dos menores nos trabalhos industriaes e de construcção civil, deve ser feita depois dos 12 annos, permittindo que seja depois dos 10, quando provém saber as disciplinas da instrucção primaria elementar, quando robustez conveniente e sempre que lhes não sejam exigidas grandes esforços physicos. Onde se observa isto? Quem não vê por ahi creanças ajoujadas com pezos

enormes, servindo mestres, com cargas de adobos, argamassa, telha ou pedra, á cabeça, subindo os andaimes, acarretando madeiras e puchando carros de mão, como animaisinhos, trabalhando como escravos?

Pois todos esses serviços em que se empregam creanças de menos de 10 annos de edade, como todos nós vêmos, infelizmente, em toda a parte, são expressamente prohibidos a esses menores pelo decreto a que me refiro.

E' prohibido que os menores de 14 annos conduzem á cabeça ou ás costas pezo excedente a 10 kilos e que arrastem vehiculos com pezo total superior a 80 kilos (artigo 17.°, § 1.°, n.° 5, a).

E' prohibido que transportem quaesquer cargas na via publica.

E' prohibida a sua exhibição em trabalhos acrobaticos e de circo. Não pódem estes menores ser empregados no movimento de rodas de eixo vertical ou nas de olaria, em metter e chegar madeira ou outro material ás serras, em serviço de machinas de cortar, furar e aplainar, etc., etc. Nunca o menor de 12 annos póde trabalhar mais de 6 horas em cada 24.

Não pódem ser admittidos nos estabelecimentos industriaes sem estarem vaccinados competentemente.

Quem observa estas e as restantes disposições do decreto de 14 de abril? Onde se observam? Onde se fazem observar?

Contudo para que este decreto produzisse seus effeitos, crearam-se logares de inspectores industriaes que o mais que até hoje teem inspeccionado é a incuria de todos e a inobservancia da lei, porque em nenhuma parte a auctoridade fez cumprir tão util diploma e ninguem, nem mesmo os interessados, nem mesmo as associações de classe, tomaram a sério a medida e velaram pelo seu cumprimento.

Estabeleceram-se multas que ninguem pagou.

Nenhum industrial, nenhum proprietario, nenhum mestre de obras, nenhum arrematante de construcções, apezar das flagrantes e repetidas contravenções da lei de 14 de abril e do regulamento de 16 de março de 1893, foi incomodado por seus delictos.

Exploram-se as creanças deshumanamente, obrigam-se a trabalhos penosos e extenuantes, impede-se a sua educação na escola e na familia, estorva-se o desenvolvimento do seu oiganismo, causa-se assim um mal tão grande á sociedade, e apezar da lei explicita e cathegorica, tudo isso fica impune e tudo isso, dia a dia se repete com descaro e sem protesto.

*

Mas não pára aqui o abuso nem termina aqui a série de crimes comettidos contra as creanças pelos seus exploradores, pelo estado e até por suas familias, bem pouco amoraveis umas vezes, muito miseraveis e precisadas outras, e muitas vezes estupidas e gananciosas em alto grau.

A lei ordena que em caso de desastre que produza incapacidade de trabalho por mais de dois dias, o gerente do estabelecimento participe o occorrido, dentro de 24 horas, ao administrador do concelho que o communicará ao ministerio publico e ao inspector.

O menor tem direito ao salario nos dias de impossibilidade e o gerente não satisfazendo estes preceitos fica sujeito á multa respectiva.

Onde se tem cumprido isto?

Aqui em Aveiro, n'uma fabrica de telha déram-se durante algum tempo, que não vae longe, repetidos desastres com menores ahi empregados.

Perto de mim mora um, que poderia ter 9 annos de edade, quando assim pequenino e tenro, deixou n'uma prensa d'essa fabrica tres dedos da mão direita!

Como este ha uns poucos de rapazitos que lá deixaram os dedos, por um manifesto desleixo dos gerentes da fabrica. Pois que disposições do decreto de 14 de abril de 1891, foram observadas por occasião de tão graves accidentes?

Fez-se a participação legal? A auctoridade tomou conta do caso? Foi elle communicado ao inspector industrial? Houve o procedimento respectivo?

Diga-m'o quem o puder dizer.

Um dos proprietarios da fabrica ao contarem-lhe um d'esses desastres teve, deante de mim, esta resposta cynica:—não mettesse lá as mãos!

Quem indemnisou essas creanças, d'essa perda irreparavel, d'esse desastre que lhes assombreou seu futuro incerto e trabalhoso?—ninguem. Como as protegeu o Estado?—abandonando-as, apezar da lei.

Pobres creanças! Na quadra em que deviam brincar no atrio da escola, sorridentes e alegres, como a infancia sua irmã, illuminando seu espirito e abrindo ao sol da vida carinhosa suas almas desabrochantes, esmagam-as com trabalho na fabrica, dobram-as sob o pezo das cargas brutaes, e ahi, perdendo a alegria, a infancia, o sorriso, perdem tambem a saude, as mãos, seu unico patrimonio!

Exploração, negligencia, abandono, desprezo, deshumanidade, crime!

De quem?

Negligencia e abandono da familia que quasi sempre a isso é obrigada pela necessidade, mas ás vezes tambem illudida pelo insignificante ganho da creança, a manda para a fabrica na edade em que a devia mandar para a escola.

Dos operarios e das associações de classe, que pela união e pelo protesto, deviam obstar á entrada das creanças nas fabricas e nos trabalhos onde fazem concorrencia aos adultos e, ao menos, olhar pela sua segurança e pelo cumprimento da lei.

Deshumanidade e exploração dos industriaes e patrões que sem escrupulos nem consciencia, para terem mão de obra mais barata, não duvidam explorar desalmadamente as creanças, não cuidando sequer da sua saude, da sua educação e da propria integridade do seu corpo.

Desprezo e crime do Estado que as não protege como devia e principalmente dos governos que não fazem cumprir a lei, porque a lei é util para o povo, para as creanças, para os desprotegidos.

Porque a lei não agrada aos patrões eleiçoeiros que negam o sangue dos proletarios e seguram no poder esses governos protectores da exploração, conspurcando as consciencias dos seus operarios e obrigando-os a votar com elles a despeito das suas opiniões.

Porqué a lei, não serve a calcar a minoria opposicionista nem é arma que sirva a ferir os que clamam contra esses crimes do poder, contra essas explorações dos poderosos, contra esta apathica ignorancia do povo ludibriado.

A lei da protecção aos menores não faz uma eleição, nem encobre uma tranquibeɹnia orçamental. E Thomaz Ribeiro que a assignou, está n'um tumulo. Bernardino Machado que a regulamentou, está no partido republicano e o povo dorme narcotisado pelo regimen com festas e ignorancia, emquanto o vão devorando.

No poder, com vida despreoccupada e folgazã estão os politicos, está a concentração da monarchia portugueza toda empenhada em defender o regimen.

Taes assumptos não abafam os republicanos e n'estes termos, o nosso progresso é um facto, e dos factos não é licito duvidar, dirá um defensor da situação.

Ah! ninguem duvide do nosso progresso social!

ALBERTO SOUTO.

P. S. Em proximo artigo tratarei dos decretos de 6 de março e 30 de junho de 1884, de 5 de julho de 1894 e 6 de junho de 1895, sobre accidentes de trabalho, responsabilidade patronal e indemnisações, continuando á vista d'essas leis, a demonstração... do nosso progresso.

A. S.

Associação Commercial e Industrial d'Aveiro

Em harmonia com os estatutos, realisou-se na terça-feira a eleição dos corpos gerentes para o bienio de 1909 a 1911 d'esta collectividade local, saindo eleitos os seguintes cidadãos:

Assembleia geral.—Presidente, Domingos José dos Santos Leite; Vice-Presidente, Francisco Antonio Meirelles; 1.° Secretario, João Francisco Chrisostomo, 2.° Secretario, Francisco Pinto d'Almeida.

Direcção—Effectivos: Presidente, Jayme Duarte Silva; Secretario, Albino Pinto de Miranda; Vogaes, Alfredo Augusto de Lima e Castro, Augusto Carvalho dos Reis, José Marques de Almeida.

Substitutos: Presidente, João Vieira da Cunha; Secretario, João Trindade; Vogaes, Joaquim Dias Abrantes; José do Nascimento Ferreira Leitão; Francisco Migueis Picado.

OS PADRES

«Não combatemos a fé: combatemos um partido politico.»—Uma opinião do grande sociologo Ferri

Escreve no Rio de Janeiro, onde foi fazer algumas conferencias que tiveram um exito colossal, o grande sociologo e criminologista italiano Eurico Ferri, e eis o que elle alli disse, n'uma d'essas conferencias, a proposito do papel social dos padres:

E' inutil, accrescenta Eurico Ferri, que nos venham dizer que offendemos a religião quando combatemos o partido clerical. Quando no seu templo o sacerdote catolico ou hebraico, protestante ou musulmano, budista ou de qualquer credo religioso, ensina a sua religião aos crentes que querem escuta-lo, nós, livres pensadores, nada temos a dizer: ao contrario, cumpre-nos respeitar o seu sacerdocio. Quem não quer não vae á egreja, e fica com a sua consciencia tranquila. Mas quando um sacerdote de uma religião, seja ella qual fôr, sae da sua egreja e vem para o terreno das luctas politicas rebaixando talvez a nobreza da sua fé religiosa, fazendo d'ella instrumento de lucta eleitoral, politica ou economica, então nós temos o direito de combate-lo, porque não combatemos o sentimento religioso nem a fé: mas combatemos um partido politico que não póde ter o privilegio da impunidade, só porque se coloca á sombra da bandeira respeitavel de uma crença religiosa.

Muito de proposito trasladamos para aqui aquellas sensatas palavras do grande sociologo Eurico Ferri, pela grande opportunidade que no momento presente encontramos na sua divulgação. Não é doutrina nova nem tão pouco tem deixado de ser proclamada com toda a convicção, em grande numero de comicios republicanos como resposta a muito bicho carola que, para embair o povo ignorante, tem affirmado que fazem parte do programma republicano os ataques á religião. Os padres mal intencionados bem conhecem a deslealdade dos seus assertos quando tal proclamam, por quanto religião e politica são cousas tão differentes e enveredam a fins tão distinctos que só por má fé se pode affirmar que a qualidade de republicano implica sentimento de hostilidade á religião. Esta é um phenomeno tão intimo, tão pessoal do nosso espirito, predomina tanto em nós pelo sentimento, pela educação, que é materialmente impossivel, sob o ponto de vista religioso, fazer affronta á consciencia de cada um.

Algemado, desterrado, sequestrado do convivio, o homem tem sempre no mais intimo da sua alma um canto onde póde aviventar a sua crença religiosa atravez de todas as convulsões sociaes e revoluções politicas. A imposição do *crê ou morres* passou, e é um absurdo, é uma baixeza que certos padres, para os quaes deve ser sagrada a lei da verdade, propalem que o partido republicano, que é, sobretudo, de ordem e liberdade ampla e bem entendida, seja inimigo da egreja. Guerreia, na conformidade do seu programma, todos os defensores da monarchia e talvez com mais ardor o padre eleiçoeiro, capataz da politica que, tresmalhado do verdadeiro caminho que J. Christo lhe traçou no Evangelho, descura a sua missão apostolica para se fazer politico só na mira de interesses materiaes, para alcançar chorudas prebendas, ricas conezias e rendosas egreijas, fazendo da sua missão, que é um apostolado—um emprego com aposentação e despacho pelo ministerio da justiça. A estes padres que se alistam sob uma bandeira politica fóra do seu destino profissional, que vomitam em jornaes todo o bilis das suas paixões, que despresaram os ensinamentos do Evangelho, como se a sua missão fosse o rebolarem-se no sujo muladar de sordidas paixões e vis interesses, a esses padres abastardados, todos devem jurar guerra de exterminio e mette-los a dentro do circo das occupações puramente ecclesiasticas.

As ordens religiosas foram extinctas em 1834, porque a violencia das suas paixões soou fóra dos muros da clausura, para vir cantar hossanas cá fóra, aos pés d'um principe que era a encarnação do velho mundo politico, do despotismo medieval. A causa liberal vingou, e tiveram elles, como premio da sua dedicação politica a extincção. Tambem a causa da democracia ha de ter a sua consagração, o seu dia de gloria, e então, sem affronta para o sentimento religioso de cada um, o padre deixará de ser o mandão politico só na mira de conseguir bons beneficios, perderá a qualidade de empregado publico para se revestir da divina prerogativa do apostolado, com o seu codigo eleitoral na mão e na consciencia—o evangelho que foi só esse que lhe confiou Christo. Sob o ponto de vista religioso é esta a aspiração do partido republicano, que é a doutrina sensata que nos sugeriram as palavras do douto sociologo Ferri.

Commissão districtal

Deve realisar-se ámanhã no edificio dos Paços do Concelho a eleição da commissão districtal d'Aveiro á qual concorrem os delegados das camaras que para esse fim foram escolhidos.

Recenseamento eleitoral

Todo o maior de vinte e um annos que saiba ler e escrever póde e deve ser eleitor

Basta para isso fazer um requerimento, em papel almasso commum, sem sello, nos seguintes termos:

Ex.^{mo} *Snr.*

F... de . annos, (estado) natural de... de profissão... morador na rua de... n.°... freguezia de... d'esta cidade, sabendo ler e escrever como prova com este requerimento escripto e assignado pelo seu proprio punho, requer que o seu nome seja incluido no recenseamento eleitoral pela mesma freguezia

P. a V. ... se digne deferir.
E. R. M.

(Data e assignatura)

Pagando-se mais de 500 réis de contribuição do Estado, pode-se tambem, por esse facto requerer a inclusão no recenseamento.

*

O requerimento da 1.ª formula deve ser acompanhado com a certidão de edade, passada pelo parocho e um attestado do regedor, comprovando a residencia. Além d'isso tem de ser reconhecido pelo tabellião. Todos estes serviços e certidões teem de ser feitos pelo parocho, regedor ou notario, dentro do praso de trez dias a contar da sua petição e **são absolutamente gratuitos.**

Nós pedimos a todos os nossos correligionarios que estejam nas condições expostas, isto é, que teem direito a ser eleitores, que se não descuidem e se façam incluir no recenseamento, pois isso tem importancia capital para a nossa causa.

O praso para a entrega dos requerimentos ao secretario da commissão do recenseamento eleitoral é de 24 do corrente a 5 de janeiro proximo.

Se alguma auctoridade se recusar a passar os documentos mencionados, deve-lhe ser immediatamente instaurado um processo e nós pedimos aos nossos amigos ou a qualquer cidadão com quem se passar um facto d'esses, que nos deem immediato e pormenorisado conhecimento do occorrido.

*

Os nossos correligionarios que assim quizerem podem entregar na redacção do *Democrata* ou ás commissões republicanos os apontamentos da sua edade, filiação, morada etc. que nós nos encarregaremos de lhes arranjarmos os documentos precisos, ensinando-os a fazerem o requerimento ou fornecendo-lhes quaesquer outras indicações necessarias.

*

Os mesmos esclarecimentos prestaremos de boa vontade a todo o cidadão que nos pedir, embora milite em outro partido.

Theatro Aveirense

Realisou-se o annunciado sarau academico, sendo o desempenho das diversas comedias e scenas comicas que o preencheram regularmente levado a cabo.

A concorrencia foi diminuta.

Crise de trabalho

600 operarios que teem fóme quando se gastam dezenas de contos de reis em festas reaes e em banquetes de 10:000 rs. o talher. Nem dinheiro, nem pão, nem credito, nem trabalho!

O quadro é doloroso, quadro de miseria, mas está patente na capital e está patente em todo o paiz.

Nada menos de 600 operarios que querem ganhar pão e não teem onde, porque não encontram trabalho, correm os ministerios pedindo ao governo—soccorro.

Não pedem esses martyres d'uma sociedade iniqua e d'um regimen perdulario, logares n'uma repartição, nem o despacho para um emprego rendoso, nem sequer um adeantamento illegal; pedem que lhes indiquem uma obra onde possam trabalhar!

Pedem ao governo que os empregue nas construcções do Estado, pedem ao governo que estude algumas das muitas obras necessarias ao publico e onde o dinheiro do thesouro, o dinheiro do povo, seria bem empregado, porque daria pão a quem o não tem, alimento a 600 familias que estão passando mizeria, e ficaria, ainda, a vêr-se em obras duradoiras de interesse e geral utilidade.

Mas o governo responde-lhes com subterfugios. A camara de Lisboa, a quem o estado deve mais de 7:000 contos, não tinha agora serviços; comtudo prometteu dar trabalho a todos os que podesse em algumas obras que tinha planeado e a que por esse motivo ia dar immediata execução.

Os operarios não encontram construcções particulares porque, devido á falta de dinheiros e á crise que atravessamos, os particulares páram com as obras ou nem as começam. Mas o Estado não tem dinheiro. O regimen tem-o esbanjado doidamente.

O governo não póde fazer obras, porque o dinheiro não chega para os credores e para os passeios reaes. O governo não tem dinheiro nem para as reparações das estradas.

O paiz está a braços com difficuldades de toda a ordem. Não ha dinheiro. As colheitas foram péssimas. O commercio está uma desgraça. O cambio não póde estar peior. A libra está a 5:550 reis. O milho tem um preço exorbitante e os pobres não lhe chegam. Os credores e os cofres das contribuições não perdoam a ninguem. Os impostos e o alimento levam tudo.

O paiz encontra-se n'uma situação economica afflictissima.

O thesouro está exausto e os credores externos espreitam-nos e ameaçam-nos com a bancarrota que dia a dia se aproxima.

Entretanto a gente do poder gasta o seu tempo em questiunculas politicas, em intrigas de côrte, em recepções, festas e legiões azues. Os politicos e os homens de Estado, presentemente, no meio d'esta calamidade, só pensam em nos fazer calar, porque o perigo da Patria e o mal do Povo e a fóme d'esses 600 desgraçados que vagueiam nas ruas de Lisboa, pedindo trabalho, somos nós, os republicanos!

Pensam em exterminar os republicanos que luctam pelo bem do povo e do paiz, abnegadamente, e não tratam dos interesses da nação. O que ha de fazer o povo? Votar com os *caciques* da monarchia e dar vivas ao reisinho.

E o que hão de comer esses 600 operarios sem trabalho deitados ao abandono? Festas e republicanos.

Sacrificios e dedicações

Não o pozémos ainda em duvida: as festas reaes foram, em toda a parte excellentes. O Porto, teve durante a estada do monarcha, uma vida de côrte, para os que ao rei fizeram côrte. Em Santo Thyrso, juntou-se todo o Porto elegante de carro e automavel e no dizer da *Illustração Portugueza* do *Seculo*, ahi fez o ensaio de vida mundana.

Foi um successo de elegancia, cortezanismo e luxo que coincidiu com outro successo não menos interessante — o das casas de prégo e estabelecimentos de credito.

Os automoveis foram para Santo Thyrso e as *toilettes* caras para os bailes e recepções; para as casas de prégo, os piannos.

Nove pianos entraram em uma casa de prégo!

80 contos de réis de penhores, n'um outro estabelecimento de credito!

Além d'isso contrahiram-se tantas dividas e tão grandes, que se dão como certos, em breve, importantes leilões de mobilias em muitas casas particulares!

Oh! a dedicação, a lealdade á monarchia e ao rei!

A proposito do recenseamento eleitoral

Votar é um dever de todo o cidadão livre.

E' preciso que todo o cidadão tenha a consciencia do que é e significa o voto.

A faculdade de eleitor tem servido até hoje só para explorações, incommodos e desgostos ao operario, ao lavrador, a todos os que não teem riquezas nem independencia.

Os *caciques* monarchicos teem feito do voto uma mercadoria que compram á custa de illegalidades, favores, dinheiro e dependencias de toda a ordem.

Por esses processos infames e aviltantes teem emporcalhado as consciencias, trahido a nação, ludibriado as leis, coberto toda a casta de indignidades e mentiras e levado Portugal á situação em que se encontra, de ruina e miseria.

Porque um trabalhador tem voto, os *caciques*, em vesperas de eleição, rodeiam-o, enganam-o, fazem-lhe contumelias caricatas, promettem-lhe tudo d'este mundo e alguma coisa do outro ou ameaçam-o, apoquentam-o, injuriam-o, tiram-lhe as terras, obrigam-o a apresentar os dinheiros emprestados, exercem sobre elle todas as prepotencias, todas as oppressões, todas as violencias.

Isto, porque o povo não tem a consciencia dos seus deveres civicos, porque não sabe repellir esses exploradores e proclamar seus direitos e as regalias que a lei lhe confere, e a sua independencia de pensar.

Nunca os *caciques* monarchicos disseram ao povo o que é o voto; sempre teem desprezado e evitado a educação civica do nosso povo, para melhor o domarem e para, sem receio, lhe augmentarem a carga.

Ora somos nós que queremos que o povo saiba o que é o voto e para que serve.

Dizemos-lh'o nos comicios, dizemos-lh'o nos jornaes e dizemos-lh'o em toda a parte.

Todo o cidadão deve ser eleitor.

O voto representa a parte que o povo tem na administração do paiz, dos negocios de todos, do seu proprio dinheiro, dos seus bens, no governo da nação.

O voto é a soberania do povo. Pelo voto escolhe o cidadão o seu representante no cenaculo das leis e na vigilancia da administração publica, conforme as suas ideias, a sua opinião, as suas sympathias, a sua consciencia.

O voto é o cidadão, o seu direito, o seu protesto, a sua adhesão, a sua dignidade.

Quem vende ou aliena o voto não faz, pois, mais do que prostitue-se.

NOTAS DA CARTEIRA

Tem estado doente, nos Açores, a snr.ª D. Lucinda Bettencourt d'Azevedo e Castro, dedicada esposa do nosso particular amigo snr. dr. Joaquim Antonio d'Azevedo e Castro, illustrado juiz municipal nas Lagens do Pico.

Fazemos votos pelas rapidas e completas melhoras da enferma.

— Tambem tem guardado o leito com *influenza* o sr. Francisco Marques da Silva, escrivão-notario n'esta comarca. Desejamos-lhes rapidas melhoras.

— Acha-se n'esta cidade o sr. João Carlos d'Almeida Machado.

— Fez hontem annos o snr. João Feyo Soares d'Azevedo, digno secretario geral do governo civil.

— Regressaram de Lisboa os snrs. Conde d'Agueda e Gustavo Ferreira Pinto Basto.

CONFERENCIA

Acaba de ser publicado, em separata, o extracto da conferencia realisada no dia 21 de novembro pelo nosso camarada Alberto Souto na associação de classe dos Constructores Civis e que se distina a ser largamente distribuida pelo operariado de Aveiro.

O Conde e a Republica

Quem se der ao cuidado de lêr o n.º 3034 da *Soberania do Povo*, e queira tomar no devido aprêço as indicações que alli são dadas ao partido republicano, a cujo progresso e futuro triumpho, *d'alma e coração aquella gazeta se tem dedicado*, verá qual a nova orientação que deve seguir o partido na escolha dos seus homens mais eminentes.

E assim nos diz aquelle jornal, pela penna d'um dos seus collaboradores, de certo dos mais auctorisados:

O vosso partido quer progredir, quer ser um partido de governo? Consiga a adhesão do Snr. Conde de Sucena e terá dado um passo agigantado para o seu triumpho!

Pelo visto, Bernardino Machado, Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, Brito Camacho, João Chagas, Theophilo Braga, Guerra Junqueiro e muitos outros vultos proeminentes do partido republicano, individualidades que por si só bastariam para engrandecer uma patria, ao lado do Snr. Conde de Sucena, nada mais podem representar que *ligeiros satellites d'um Astro fulgurante*.

Em face de tão auctorisada opinião, immediatamente me sugeriu ao espirito a ideia de telegraphar ao Directorio reclamando immediata convocação d'um Congresso, em que todo o partido republicano se fizesse representar e em que se tratasse dos meios a empregar para conseguir tão valiosa adhesão.

Não procedi assim, porque, com franqueza o digo, me cahiu o coração aos pés, quando a seguir li a affirmação cathegorica e terminante, pelo mesmo articulista feita, de que nunca nos será dado usufruir *tão importante adhesão*, pois S. Ex.ª, nobre Conde, sente bem quanto é amigo do seu rei!

Na impossibilidade, pois, de converter o nobre Conde, eu convido o partido republicano *a dissolvêr-se, porque nos falta o melhor elemento para conseguir a proclamação* da Republica.

E o caso não é para menos, *porque na sua já longa carreira politica* o Snr. Conde tem-se revelado um estadista de rara erudicção, manejando com extrema facilidade e elegancia a palavra e a penna e, produzindo pela sua acção uma tal influencia na politica Europeia, que concorreu para que na Africa fôsse desthronado o sultão de Marrocos.

Ora bolas, Senhores da *Soberania!* Poupem ao menos os amigos!

M.

«Illustração Popular»

Recebemos o n.º 7 d'esta interessante revista portuense illustrada, cujo exito se vem accentuando dia a dia pela escolhida collaboração que encerra nas suas paginas e pelas nitidas gravuras de assumptos da actualidade que n'ella se encontram.

O summario d'este n.º é o seguinte:

Ricardo Severo (retrato); Ricardo Severo; O pintor Julio Ramos (com silhouette); O caricaturista Amadeu Cardoso (com retrato); Duas caricaturas de Amadeu Cardoso, (O Braga e Dr. Manuel Laranjeira); pelo globo:— A Philosophia vedanta e a crise actual das religiões, II); Quatro gravuras da viagem régia; A visisecção; Theatro, por Alvaro Pinto (com retrato de Dalila Montilli); Animaes que nadam (conclusão); 3 gravuras do exercicio de bombeiros, ultimamente realisado; Redondilhas á Lua, quadras de Jayme Cortezão; Caminho de Ferro do Valle do Vouga (com 3 retratos); Monumentos —Alhambra de Granada e Castello do conde da Perelada em Gerona (3 gravuras); Como se curam creanças viciosas; Philosophia, quadras de Raul Tamagnini; Calendario Universal (com *portrait-charge* de Lamarck); pensamentos pelo texto; e em separata artistica o retrato do pintor Julio Ramos.

COMMUNICADO

Snr. Redactor.—Venho pedir-lhe um cantinho do seu muito lido jornal para mostrar ao publico e a quem governa n'estas cousas d'uma freguezia, a grande serie de miserias e atropellos que por ella vão.

Escolhi o *Democrata* por ser o jornal que mais circulação tem por estes sitios e chamo miserias á serie de abusos que hoje começo a ennumerar, por que é assim que todos lhe chamam.

São realmente tantos os actos censuraveis que aqui se vão praticando ha já bastante tempo, que apresental-os por uma só vez teria de occupar-lhe todo o jornal e ainda assim não chegaria. Mas se v., sr. redactor, m'o consentir em numeros seguidos os irei expondo. Hoje darei conta d'um, que por mais recente não deixa comtudo de ser muito grave pelas circumstancias que o rodeiam.

Historiemos:

Ha já bastantes mezes que se estranhava a egreja sempre ás escuras de noite. Uns poucos de parochianos combinaram-se e todas as noites iam vigiar a egreja. Observava-se que um garotito, moço do vigario, que faz as vezes de sachristão, quando ia tocar as trindades da manhã accendia a lampada que durante a noite tinha estado apagada; mas passado pouco tempo apagava-a outra vez. A' noite ia o mesmo garoto tocar as trindades, acendia novamente a lampada; mas deitando-lhe sempre tão pouco azeite, que ás 7 ou 8 horas já estava sem luz. Durante bastantes dias andou-se vigiando isto, e a noite que durou mais tempo aceza, foi até ás 8 e meia.

Os parochianos d'esta freguezia, que são essencialmente religiosos, tanto se escandalisaram com isto que chegaram a reunir-se em commissão e ás 11 horas da noite foram ter com o regedor a vêr se podia dar a isto algumas providencias.

Depois alguem os aconselhou a que examinassem mais de perto e vissem se effectivamente a lampada se apagava, por lhe não deitarem azeite ou porque razão seria.

Fingiram que deviam ao Santissimo uma promessa de azeite e logo de manhã antes do tal sachristãosito ter tempo de se prevenir, lá estavam elles á porta da egreja com a almotolia na mão. Viram que a lampada, posto que estivesse toda a noite apagada, não tinha azeite. Apenas se via no fundo do vidro uns residuos que nem sequer pareciam borras.

Deitaram-lhe o azeite que levavam e lá ficou a lampada aceza todo o dia e toda a noite. Ficou inteiramente provado que a lampada se apagava, porque não lhe deitavam azeite.

Arguidos os vogaes da junta d'esta falta, declararam que nada sabiam e que o azeite se pagava por bom preço ao secretario.

Elle mais o snr. Vigario é que tratavam d'essas cousas de cêra e azeite.

Demais declararam que a verba do azeite até tinha augmentado bastante.

Ora isto não póde ser, sr. redactor, e pedimos providencias a quem competir. A nossa egreja não é nenhum curral de cabras e não está em nenhuma charneca. E de mais a mais a pagar-se o azeite e não se gastar! Onde é que isto se viu? Mas ainda não é nada. Para a semana continuarei.

Arada, 12 de dezembro de 1908.

Um parochiano.

Correspondencias

Palhaça, 15.

Escrevo para o *Democrata* na incerteza de me ser dispensado um cantinho do jornal onde desejo a inserção d'estas linhas.

Se a illustrada redacção me attender, o *Democrata* vae sujeitar-se ao incommodo de andar de mão em mão cá na freguezia, tal será o interesse em saber o que n'elle se dirá a respeito de homens e coisas da freguezia, e póde vir a tirar da cara o panno que estorva a vista á maior parte dos homens da Palhaça, senão já, mas mais adiante quando as minhas palavras entrarem na discussão e certamente na devida apreciação.

Ha, talvez, 9 annos fallou-se muito na creação d'uma estação postal n'esta freguezia, de cujo melhoramento e dos homens que o diziam, sempre duvidei.

Entre outras cousas chegou-se até a dizer que para este melhoramento local estava em Aveiro parte do material a empregar na referida estação telegrapho-postal.

Estes dizeres, que naturalmente alguem auctorisou, excitavam ainda mais a troça que eu e muitos faziam e continuamos fazendo áquelles que tão mansamente cáem á isca e em cujo laço, armado pela nobreza do districto, se conservam e permanecerão ainda por mais algum tempo.

Mas, é tambem certo que alguem me tem dito, e entre esse alguem o fiel da estação telegrapho-postal d'Aveiro, que de facto o material ali se encontra ainda em deposito e com destino á montagem da estação, na Palhaça. Outro empregado do correio fallando comigo ha dias, sahiu-se com as mesmas palavras e eu, é claro, offereci a minha duvida, sorrindo, como de costume.

Este empregado, em quem eu mais devo confiar, attendendo a que não é politico e não sabe, decerto, das questões aqui levantadas a respeito do melhoramento, disse-me que estando ha pouco tempo na secretaria da estação postal de Aveiro, viu que realmente ali está em deposito parte do material pertencente á estação postal e cujo emprego lhe disseram vir com destino a esta freguezia, mas que o melhoramento não se levaria a effeito por coisas que mais tarde direi.

Ora dada a hypothese de tudo isto ser verdade, muito ha que dizer a este respeito e não poderei poupar individuos monarchicos que tanto concorrem para o mal da freguezia.

Por hoje termino, mesmo porque não tenho a certeza da illustre redacção me consentir nas columnas do *Democrata* a advogar os interesses d'esta freguezia.

X.

S. João de Loure, 16.

Não vae já muito a proposito o assumpto das eleições da junta de parochia que se realisaram no dia 29 p.p., mas, no entanto, como os leitores do *Democrata* não tiveram ainda a dita de saberem o que por aqui se passou a tal respeito, ahi lhes envio uma resenha do mais importante que convém saber-se.

As listas apresentadas ao suffragio foram tres: uma progressista, outra republicana e outra sem côr politica chamada de concentração, visto entrarem n'ella tambem alguns correligionarios nossos, entre os quaes os snrs. José Martins Ferreira, José Dias de Mello, Antonio da Silva Laranjeira e Joaquim Ribeiro de Mattos.

D'esta lista ficou eleito para fazer parte da junta o snr. José Martins Ferreira, tendo ficado vencido apenas por dois votos o outro nosso correligionario Joaquim Ribeiro de Mattos.

Na lista progressista foi riscado em algumas duzias de votos o nome de Manoel Nunes Baeta.

E nada mais sobre tal assumpto.

— Passou ha pouco o primeiro anniversario da fundação da phylarmonica *Nova Dissidencia*, d'esta freguezia, que agora tem vida mais desafogada em virtude de não existirem já as difficuldades com que em principio luctou.

Os nossos parabens.

— Ha grande enthusiasmo pelo espectaculo que anda em ensaios para ter logar no dia 2 do anno novo. Subirá á scena o drama em 3 actos *Provas do Crime* que nos dizem ser de molde a agradar a toda a gente.

Daremos noticia.

C.

Tabacaria e Livraria Central

DE

BERNARDO DE SOUSA TORRES

Praça do Commercio—AVEIRO

Vende tabacos, livros commerciaes e de estudo, papel e mais objectos d'escriptorio, vinhos finos e communs (engarrafados), licôres nacionaes e estrangeiros, etc., etc.

Livraria Chardron, de LELLO & IRMÃO, Editores
Rua das Carmelitas, 144—PORTO

BIBLIOTHECA RACIONALISTA

EDIÇÃO POPULAR DAS OBRAS DE ERNESTO HAECKEL, LUIZ BUCHNER, CHARLES DARWIN, ETC.

TRADUCÇÕES PORTUGUEZAS

ERNESTO HAECKEL

Os Enygmas do Universo, traducção de Jayme Filinto, 1 vol., no prélo.

Summario:—Interpretação dos Enigmas do Universo.—Origem e descendencia do homem.—Desenvolvimento do Universo.—Principio e fim do Mundo.—Crença e superstição.—Sciencia e christianismo.—Anathema do Papa contra a sciencia.—Faltas da moral christã.—Estado, Escola e Egreja.—Solução dos Enygmas do Universo.

A venda d'esta obra capital do illustre pensador, attinge hoje para mais de 320:000 exemplares, *das edições allemãs, ingleza e franceza, podendo affirmar-se ser o maior successo de livraria da nossa epocha.*

As Maravilhas da Vida, traducção do dr. João de Meira, 1 vol., no prélo.

Summario:—O que é a verdade?—Observação e experiencia.—Concepção da vida.—Milagre e lei natural.—Immortalidade da alma.—Vida e morte.—Causas da morte.—Optimismo e pessimismo.—Suicidio.—Selecção espartana.—Origem da vida.—O desconhecido.—Trasformismo.—Fim da vida.—Progresso.—Costumes e religião.—Selecção sexual.—Moda e pudor.—O papismo é uma caricatura do christianismo.—Justificação do monismo.—Reforma do ensino.

(Esta obra é o complemento d'*Os Enigmas do Universo*).

O Monismo, laço entre a religião e a sciencia, *(Profissão de fé d'um naturalista)*, traducção de Fonseca Cardoso, 1 vol., brochado, 200.

Origem do Homem, traducção de Fonseca Cardoso, 1 vol., brochado, 300.

Summario:—Systema dos *primatas*.—Arvore genealogica dos *primatas*.—Genealogia do homem.—Lamarck e Darwin.—Historia da Evolução humana.—Descoberta dos orgãos do pensamento.—Lei universal de conservação da substancia.—O *pithecantropus erectus*, intermediario entre o homem e o macaco, descoberto na ilha de Java.—Duração dos periodos geologicos.—Conclusões geraes.

Religião e Evolução, traducção do dr. Domingos Ramos, 1 vol., brochado, 300.

Summario:—Theoria da descendencia e o dogma da Egreja.—Parentesco do homem com os macacos e as familias dos vertebrados.—Lucta levantada pela noção da alma, sua immortalidade e a concepção de Deus.—Laplace e o monismo.—Moysés ou Darwin.—Philosophia e doutrina da evolução.—Jesuitas e naturalistas.—O Imperador e o Papa.—Darwin e Virchow.—A religião e a ideia da evolução.

As tiragens das Obras do celebre professor da Universidade de Iéna, repetem-se constantemente, e são já de muitas dezenas de milhares, algumas como OS ENYGMAS *attingiram já para cima de 320:000, o que constitue o maior successo em livraria dos tempos modernos.*

Os editores julgam prestar um bom serviço a Portugal e ao Brazil, fazendo a publicação das obras do grande pensador allemão.

POMPILIO RATOLLA

OURIVES—RELOJOEIRO

RUA DE JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO

Objectos d'ouro de fino gosto e de todos os feitios.

Pratas lavradas e de phantasia.

Chrystaes guarnecidos a prata.

Estojos para brindes.

Bengalas com castão de prata desde 2$000 réis.

Relogios de bolso, parede e meza.

Despertadores e o artistico relogio **Republicano.**

Pedras finas e diversos objectos de luxo. Completo sortido.

Concertos em relogios, ouro e prata.

PREÇOS BARATISSIMOS

VIRGILIO RATOLLA

MAMODEIRO

Tem no seu estabelecimento um sortido completo de factos para homem, chales, amazonas, merinos, guarda-chuvas, tabacos e vinhos finos, etc.

Mercearia, ferragens, rulões, sulfato, enchofres e adubos chimicos, etc.

Vendas por junto e a retalho.

MATERIAL

para toda a especie de montagens electricas. Todas as informações.

Encontram-se na Tabacaria Veneziana de

BERNARDO TORRES
AVEIRO

Typ. Minerva Central

DE

JOSÉ BERNARDES DA CRUZ

Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Trabalhos typographicos em todos os generos.

Primorosa execução de todos os trabalhos, taes como: jornaes, livros, facturas, talões, diplomas, mensagens, etc., etc.—Impressos commerciaes com tinta de cópia. Especialidade em cartões de visita. Variada collecção de cartões de phantasia do mais fino gosto. Picotagem e numeração de talões. Preços modicos.

Esta casa, que pela perfeição e modicidade de preços dos seus trabalhos, NÃO TEM COMPETIDOR no districto d'Aveiro, tem em deposito impressos para escrivães-notarios a 30 REIS o caderno (marca da lei).

AGUAS DA CURÍA

Vendem-se no estabelecimento de

BERNARDO TORRES

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Officina de Serralharia Mechanica

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

= DE =

RICARDO MENDES DA COSTA

Successor de DOMINGOS L. VALENTE D'ALMEIDA

Rua da Corredoura — AVEIRO

N'ESTA officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Deluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das agua.

PADARIA FERREIRA

DE

Manoel Barreiros de Macedo

PRAÇA DO COMMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como artigos de mercearia, que tudo vende por preços excessivamente modicos.

Compram-se garrafas vasias.

Aos srs. mestres d'obras e artistas

Lixas em papel e em panno.

Recommendam-se as da unica Fabrica Portugueza a Vapor de Aveiro, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e **mais baratas.**

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

ANTONIO DA CUNHA COELHO

10—RUA DO CAES—12

AVEIRO

Loja de chá, café, bolachas e mais generos de mercearia. Vinhos do Porto, de superior qualidade. Champagnes, licôres e cognacs. Azeite, sabão e vellas de stearina.

Perfumarias, papelaria e objectos para escriptorio. Tabacos, louças da India e Japão. Artigos proprios para brindes.